

Lisboa, 14 Fevereiro de 2019

Conferência Risco País Coface 2019

Dois obstáculos para a actividade empresarial em 2019: A crise económica e os riscos políticos

Na sequência da conferência anual sobre o risco país e risco sectorial, a Coface partilha as suas perspectivas sobre as principais tendências da economia mundial para 2019.

Aumento do risco de crédito para as empresas Europeias

Um crescente número de obstáculos, tais como a elevada volatilidade dos preços das matérias-primas, e também restrições de oferta, estão a provocar a diminuição do crescimento económico no final do ano de 2018 e ensombrar as perspectivas para 2019 (3% em 2019, após 3,2% em 2018 e 2017). Desta vez, a economia da Europa Ocidental enfraqueceu antes dos Estados Unidos, contrariamente às anteriores reversões das tendências económicas. A Coface espera que o número de insolvências das empresas aumente em vinte países Europeus (dos 26 analisados) +1,2% na Zona Euro e +6,5% na Europa Central. Este aumento do risco de crédito para as empresas resulta de uma desaceleração cíclica e das constantes incertezas políticas.

A **indústria automóvel** é particularmente afectada. Após um ciclo de crescimento de 8 anos, apresenta agora sinais de desaceleração. A necessidade de investimento, o aumento da concorrência, a mudança de estilos de vida dos consumidores e a necessária adaptação a novos padrões ambientais antipoluição, devem ser alcançados num contexto em que o mercado Chinês, que atingiu a sua maturidade, apresenta um crescente proteccionismo. Estes desenvolvimentos levaram a Coface a **rever em baixa a indústria automóvel para risco médio em quase todos os países da Europa Ocidental, bem como na Europa Central e Oriental, e para risco elevado na América Latina e na América do Norte.**

O risco político mantém-se como um problema na Europa em 2019. O indicador de risco social da Coface é o mais elevado desde 2010. Estes riscos manifestam-se com maior frequência em períodos eleitorais e por isso as eleições na Grécia, bem como as possíveis eleições antecipadas em Itália, Espanha e Alemanha, devem ser monitorizadas. O aumento do descontentamento social e a crescente popularidade dos partidos antieuropeus estão a tornar-se suficientemente importantes, para conduzirem a um Parlamento Europeu muito fragmentado, na sequência das eleições europeias de Maio de 2019.

'Pela primeira vez desde a crise da dívida soberana em 2011-2012, há a necessidade das empresas enfrentarem dois obstáculos ao mesmo tempo este ano: a desaceleração cíclica e os riscos políticos', afirma Julien Marcilly, Economista-Chefe da Coface.

Países emergentes ainda vulneráveis

Este ambiente global tem efeitos contrastantes sobre as economias emergentes. A desaceleração do crescimento da Zona Euro (previsão de +1,6% para 2019) e dos Estados Unidos (+ 2,3%) expõe os mercados emergentes aos efeitos de contágio, principalmente através dos fluxos comerciais. Como tal, o crescimento do comércio mundial deverá continuar a abrandar este ano (a Coface espera apenas +2,3% para 2019). No entanto, o arrefecimento do crescimento nos Estados Unidos também tem um efeito positivo: ao evitar aumentos nas taxas de juros pela Reserva Federal EUA, o risco de saída de capital dos mercados emergentes é limitado.

Actualmente, os vários riscos políticos terão de ser monitorizados nos países emergentes, inclusive em África, onde as pessoas passaram a ter novos meios para expressar-se devido à internet, num contexto crítico de calendário eleitoral (que inclui a Nigéria, a África do Sul e a Argélia).

Entretanto, apesar da frágil situação política e de segurança, a Coface observa uma perspectiva mais favorável para **Moçambique (agora D)**, cujas reservas cambiais estão no seu maior nível desde 2014 e o crescimento é superior a 3%, e no **Ruanda (A4)**, onde situação empresarial apresenta constantes melhorias e a dinâmica da reforma foi mantida.

A Coface apresenta a actualização das avaliações de risco dos países dependentes economicamente do petróleo, com os preços do petróleo a permanecerem num nível moderado apesar de uma elevada volatilidade: **Angola (agora C)**, **Azerbaijão (B)**, **Canadá (A2)**, **Emirados Árabes Unidos (A3)**, e **Trinidad e Tobago (B)**.

O **Líbano** é o único país este ano com a sua classificação revista em baixa (**agora D**), penalizado pelas dificuldades económicas persistentes.

A Avaliação de Risco País da Coface (161 países) é feita numa escala de oito níveis, por ordem ascendente de risco: A1 (risco muito baixo), A2 (risco baixo), A3 (risco bastante aceitável), A4 (risco aceitável), B (risco significativo), C (risco elevado), D (risco muito elevado) e E (risco extremo).

A Avaliação de Risco Sectorial da Coface (13 sectores em 6 regiões geográficas, 27 países que representam quase 87% do PIB mundial) é feita numa escala de quatro níveis: risco baixo, risco médio, risco elevado e risco muito elevado.



P R E S S R E L E A S E

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Cláudia MOUSINHO - 211 545 408 | claudia.mousinho@coface.com

Coface: for trade - Building business together

Mais de 70 anos de experiência e uma rede internacional perfeitamente articulada, fazem da Coface uma referência em seguro de crédito, gestão de risco e economia global. Com a ambição de se tornar na seguradora de crédito mais ágil do mercado, os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes na construção de negócios dinâmicos e de sucesso. Os serviços e soluções da Coface protegem e ajudam as empresas na tomada de decisões de crédito que permitam melhorar a sua capacidade de venda tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2017, a Coface empregava 4.100 pessoas em 100 países e registou um volume de negócios de 1.400 milhões de euros.

www.coface.pt

COFACE SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A

ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA

